



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA PARA
A DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO E EQUÍVOCOS SOBRE OS POVOS
ORIGINÁRIOS**

**UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS**

DEYSIELLEN SENA SALVADOR

ORIENTADORA DOUTORA DELMA PACHECO SICSÚ

**PARINTINS/AM
2023/2**

DEYSIELLEN SENA SALVADOR

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA PARA
A DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO E EQUÍVOCOS SOBRE OS POVOS
ORIGINÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção
Acadêmica em Letras III como requisito do curso de
graduação em Letras da Universidade do Estado do
Amazonas – UEA.

BANCA EXAMINADORA

Delma Pacheco Sicsú (UEA)
Orientadora

Franklin Roosevelt Martins De Castro (UEA)
Membro interno

Luis Alberto Mendes De Carvalho (UEA)
Membro interno

**PARINTINS – AM
2023/2**



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, que realmente és fiel em todo tempo, nunca me desamparou, apesar de meus questionamentos em alguns momentos, sempre me manteve firme, não apenas na universidade como nos meus princípios. Sou grata por durante a graduação me enviar minha maior dádiva, meu filho, Reinier, que em momento algum me prejudicou como alguns pensavam. Na verdade, foi a minha maior força para prosseguir, com certeza eu já teria desistido se não fosse sua existência. Você é minha maior força e fonte do meu mais puro amor incondicional.

Agradeço minha família que me incentivou a ingressar nessa faculdade, mesmo sendo tão longe de casa, fácil nunca foi, mas as orações e crença em meu potencial me mantiveram firme. Em especial quero agradecer a minha mãe, que se sou a mulher que sou hoje, é pelo fato de ter sido criada por outra mulher forte, sou grata pelas minhas avós, Belém, Lindalva, Maria e Maria Helena, que sempre me ajudaram aqui, suas palavras, mensagens e ligações sempre me incentivaram a continuar. Agradeço ao meu companheiro que nesse último período foi quem mais me incentivou a persistir e acreditava em mim.

Aos meus amigos que estiveram comigo e sempre me incentivaram, eu só tenho a agradecer e dizer que ver o sucesso de vocês é minha felicidade. Só eu sei como as palavras “você consegue” e todas as outras palavras de incentivo. Obrigada pelas vezes em que minha mente estava agitada e me tiravam de casa, os momentos de distração foram um descanso para a recuperação da minha sanidade, acreditem nessas palavras. Aos que duvidaram ou queriam ver minha queda, eu lamento, que Deus vos abençoe, pois Ele não permitiu o que vocês queriam e só me tornaram mais forte.

Obrigada meu boizinho, garantido, um dos motivos ter vindo para Parintins foi justamente o fato de ter o sonho de conhecer o festival, sempre fui apaixonada no boi garantido desde criança, eu era encantada por essa ilha sem nem ao menos ter vindo um dia, e hoje posso afirmar que amo Parintins.

A professora Delma Pacheco Sicsú, minha orientadora, agradeço a oportunidade de realizar o projeto de extensão no qual progrediu para esse trabalho.

Agradeço você que irá avaliar esse TCC, espero ter alcançado meu objetivo mesmo com as dificuldades para a conclusão desse trabalho. A Literatura infantojuvenil me cativou e espero que cativa você também.

RESUMO

O presente trabalho consiste em mostrar a importância da literatura infantojuvenil indígena e como ela pode contribuir para a desconstrução de preconceitos equivocados sobre os povos originários. Utilizando como técnica de pesquisa as oficinas literárias aplicadas em uma escola pública municipal de Parintins. As Oficinas aplicadas com obras de literatura infantojuvenil indígena, com os principais autores sendo, Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Roni Wasiriy Guará e Tiago Hakiy. Além da aplicação de um questionário para as turmas em que as oficinas eram aplicadas, sendo duas turmas do ensino básico (6º e 7º ano) e outro para os dois professores titulares de língua Portuguesa da escola. Assim esse trabalho está focado em como a literatura contribui significativamente para a desconstrução de uma visão equivocada em relação aos povos originários, visão essa enraizada na sociedade. Apesar de o foco principal ser a desconstrução, as oficinas contribuíram na leitura, escrita e oralidade, sendo essa última uma marca nas origens indígenas.

Palavras-chaves: Literatura infanto-juvenil indígena, Enraizamento, Oralidade, Sala de aula, Oficinas.

ABSTRACT

This work consists of showing the importance of indigenous children's literature and how it can contribute to the deconstruction of mistaken prejudices about original peoples. Using literary workshops carried out in a municipal public school in Parintins as a research technique. The Workshops applied to works of indigenous children's literature, with the main authors being Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Roni Wasiriy Guará and Tiago Hakiy. In addition to applying a questionnaire to the classes in which the workshops were held, two basic education classes (6th and 7th year) and another for the 2 Portuguese language teachers at the school. Therefore, this work is focused on how literature significantly contributes to the deconstruction of a mistaken view in relation to original peoples, a view that is rooted in society. Despite the main focus being deconstruction, the workshops contributed to reading, writing and speaking, the latter being a mark on indigenous origins.

Keywords: Indigenous children's literature, Rootedness, Prejudice, Classroom, Orality.



INTRODUÇÃO

A literatura indígena assim como toda literatura pode influenciar na vida das pessoas com suas temáticas abordadas, principalmente na sala de aula, quando contextualizada com os alunos. É muito importante, pois que o trabalho com a literatura seja nesta perspectiva dialógica, contextualizada com o conhecimento de mundo e com as expectativas do leitor, pois ao adentrarmos na sala de aula nos deparamos com a imagem ultrapassada que os alunos possuem sobre os povos originários. Por isso é muito importante lançar mão de práticas leitoras que contribuam para a circulação e leitura desta literatura com vistas à quebra de preconceitos e equívocos sobre os povos nativos que ainda reverberam na sociedade.

O presente estudo sobre literatura infantojuvenil indígena iniciou-se pelo projeto de extensão “A Literatura infantojuvenil indígena na sala de aula: Leitura, circulação e Recepção, em uma escola Municipal de Parintins” como forma de circular e fomentar a leitura, debate e interpretação da literatura em sala de aula, por meios de oficinas de leitura. Os resultados esperados do referido projeto ultrapassaram as expectativas e por conta disso esse trabalho de conclusão de curso ganhou vida.

O projeto buscou desconstruir o olhar social dos alunos sobre os povos originários. Havia, pois um olhar de cunho preconceituoso dos alunos implantado ainda no jardim de infância. Esse olhar pode ser visto principalmente na comemoração ao “Dia do índio” em que muitos alunos desenhavam e ainda desenhavam um “índio” com cocar em uma aldeia. A criança então cresce com essa ideia de que o indígena é apenas isso: uma pessoa que vive na floresta e apenas caça para se alimentar. Por conta dessas situações foi desenvolvido o processo de desconstrução em sala com aplicação em uma escola pública de Parintins por meio da literatura infantojuvenil indígena utilizada nas oficinas de leitura.

Apesar de esse olhar preconceituoso e dos equívocos que ainda pairam sobre os povos nativos, os indígenas têm encontrado mecanismos para rechaçar essa visão estereotipada que a sociedade nacional teima ter sobre eles. Entre esses mecanismos utilizados, encontra-se a literatura indígena que vem ganhando cada vez mais seu espaço, no mercado editorial. Dentro dessa literatura há nomes como Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Roni Wasiry Guará, Tiago Hakiy, autores indígenas, cujas obras foram trabalhadas nas oficinas. O principal público leitor, na escola, são crianças e jovens, porém não se limita apenas a essa faixa etária, pois essas literaturas também podem ser trabalhadas na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Há assuntos muito importantes para serem tratados dentro da literatura infantojuvenil indígena, porém muitos alunos nem sabem de sua existência. Levar essa literatura para a sala de aula é um avanço, visto que seu acesso e estudo em sala de aula é limitado ou quase inexistente. Durante a execução do projeto de extensão, as oficinas uniram dois elementos importantes, o trabalho com a literatura infantojuvenil indígena e as práticas de linguagem a saber: a leitura, oralidade e escrita.

A literatura indígena transcende os ensinamentos e cultura dos povos originários como a contação de história que passa de pai para filho, avô para neto e assim por diante. Quando fazem isso, os indígenas não estão apenas contando e sim praticando a oralidade. Essa prática de linguagem que os povos originários dominavam antes de todos nós, através da oralidade quando contavam suas lendas, mitos, sua cultura e memória. Os povos originários fazem isso desde os primórdios, passando de geração em geração e preservando sua cultura e memória. Janice Cristine Thiel afirma que “Além disso, a literatura indígena sugere a continuidade e permanência da memória ancestral.” (2016.p.94) Isso faz da literatura indígena a continuação e concretização dessa memória ancestral que antes era repassado apenas na oralidade entre gerações e hoje encontra-se também registrado no objeto livro.

A pesquisa é importante por destacar o olhar que a sociedade tem sobre os povos indígenas, incluindo as crianças. Tal importância se estende também para a visão dos alunos da escola onde o projeto foi aplicado. Por isso foi observado o que mudou e como foi esse projeto de desconstrução trabalhado em uma turma do 6º e 7º ano. Como as oficinas foram voltadas para a literatura infantojuvenil indígena, foi possível observar como os alunos faziam referências aos povos originários e como era a visão de mundo dos alunos. Inicialmente era visto um discurso involuntariamente ofensivo dentro da comunidade escolar, antes da aplicação de oficinas contextualizando a literatura infantojuvenil indígena.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa pesquisa, utilizou-se um estudo de caso, segundo Magda Maria Ventura “[...]estudo de caso, destacou-se sua característica de estudar uma unidade, delimitada e contextualizada, com a preocupação de não analisar apenas o caso em si” (2007.p386). É fundamentado em uma investigação profunda podendo ser particular ou coletiva, incluindo indivíduos, instituições, profissões e comunidades, para obter os resultados da pesquisa. Como técnica de pesquisa utilizou-se o questionário. Segundo Amaro *et all*:



“Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. (2005. p.3). Outra Técnica de Pesquisa foram as oficinas de leitura onde eram contextualizadas a literatura infantojuvenil indígena na sala de aula.

O estudo de caso inicia-se pela investigação, ou seja, pelo tema escolhido e parte para a observação do que causa a problemática abordada neste artigo, ou seja, o preconceito e equívocos enraizados sobre os povos originários e a investigação de como a literatura infantojuvenil pode ajudar a quebrar esses paradigmas. Para a efetivação da pesquisa, utilizaram-se como técnica as oficinas de leitura e escrita.

O tipo de pesquisa é a de campo. “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada” (GONSALVES apud PIANA, 2009.p169) A pesquisa buscou realizar oficinas literárias na escola diretamente com o sujeito da pesquisa, os alunos, contextualizando a literatura infantojuvenil indígena.

A pesquisa seguiu três etapas, aplicação das oficinas, análise do contexto social escolar e a coleta de dados por meio de questionários. O local onde foi realizada a pesquisa está localizado em Parintins em uma escola pública municipal. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do turno matutino, uma turma do 6º ano e outra turma do 7º ano, que participaram das oficinas de leitura pautadas na literatura infantojuvenil indígena e os professores titulares das turmas.

O campo de pesquisa foi uma escola pública do município. A escola tem em sua grade ótimos professores e projetos escolares que envolvem os alunos, é receptível e inclusiva, com a capacidade esperada para o número de alunos matriculados.

O IMPACTO DO PRECONCEITO SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS NA SALA DE AULA.

Há representações indígenas como selvagens de cocar que é socializado no próprio ambiente escolar, assim como o olhar do colonizador que ainda é dominante... [complete...] Quando o feriado que celebra a diversidade dos indígenas ainda se chamava “dia do índio” algumas crianças chegavam das escolas com desenhos do *índio* com cocar e flecha na mão, o desenho muitas das vezes acompanhado do termo “índio”. Uma outra demonstração é uma tiara com uma pena em E.V.A para representar o cocar. Isso faz com

que as crianças desde o princípio da vida escolar já se familiarizam com essa imagem fixa e idealizada.

Esse estereótipo, em algum momento, também é captado por outros, pelo fato do ensinamento que foi designado desde a alfabetização, ensinamento superficial, em que não é estudado[as] as vivências nem culturas indígenas. Muitos alunos ainda tinham em suas mentes que os indígenas só eram aptos para viverem apenas nas aldeias. Esse preconceito pode ser involuntário, se pensarmos que “aquelas crianças foram ensinadas assim e cresceram com esse pensamento”. A literatura infantojuvenil indígena pode ajudar na quebra desses paradigmas, ao conhecer e as obras e as culturas e artes que os indígenas trazem consigo.

Os povos originários nos mostram sua identidade, cultura e sua memória com obras literárias que trazem temáticas importantes. Os autores indígenas estão ressignificando algo que há muito tempo está enraizado na sociedade desde o início, inclusive, na educação quando se inicia na alfabetização. Trata-se dos estereótipos sobre os povos originários que vem sendo acarretado há bastante tempo. Ao longo dos anos os povos indígenas vivem às margens como “selvagens” termo este que nos é ensinado desde a educação básica, pelos discursos oficiais o que faz surgir preconceitos e racismo contra os nativos. Por isso a literatura infantojuvenil indígena deve ser mais contextualizada nas escolas.

A literatura infanto-juvenil indígena deve ser uma obrigatoriedade nas instituições escolares, pelo fato de haver a lei nº 11.645/08 de 10 de março de 2008, que ampara o Ensino de história e cultura indígena. Com essa lei o espaço dos povos originários foi ampliado, espaço esse para sua cultura e identidade. Segundo Roberta Fernandes Santos:

Embora a Lei nº 11.645/08 represente uma enorme conquista para a causa indígena, por si só ela não garante a solução do problema. Para que haja a consolidação dos ideais propagados pela Lei 11.645/08, não basta a sua mera existência, é preciso que ela se desdobre em ações e atitudes democráticas, cidadãs, igualitárias, emancipadoras e autônomas. (Santos, 2020, p.62)

A referida lei seja uma conquista enorme, mas não é posta em prática. Essa lei torna obrigatório na rede de ensino o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira, porém essa obrigatoriedade não é vista no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio. Dificilmente vemos trabalhos, oficinas ou qualquer atividade envolvendo o ensino sobre as culturas e histórias indígenas e afro-brasileira. As escolas não possuem nem mesmo os materiais que pautam sobre essas literaturas para serem trabalhadas em salas de aulas. Na biblioteca não se vê obras literárias afro-brasileira e muito menos obras indígenas, pois quando há é uma pequena quantidade e não é socializada com as turmas,



bem como obras infantojuvenil indígena. Talvez pelo fato de muitos ainda considerarem essas literaturas como inferior, por não fazerem parte do cânone literário.

Basta adentrar em uma biblioteca das escolas que será encontrado obras de autores pertencentes ao cânone literário, como obras de Machado de Assis, livros de José de Alencar, Guimarães Rosa, Mario de Andrade, entre outros. Isso colabora para sermos uma nação que pouco conhece sua própria história, não sabe das diversas culturas do país e principalmente dos povos originários.

Como conhecer melhor a história dos nativos através da literatura infantojuvenil dentro do âmbito escolar, se a própria literatura é de difícil acesso, mostrando que embora a lei seja uma obrigatoriedade. Quando mencionado obras indígenas é importante diferenciar das obras indianistas, que são mais populares como temos os exemplos de *Iracema*, *O Guarani*, ambos de José de Alencar, *Os Timbiras* de Gonçalves Dias, mas entre obras indianistas e obras indígenas há uma diferença, conforme Janice Cristine Thiél:

Sobre alguns rótulos utilizados, como literatura indigenista e indígena, faz-se necessária uma distinção. As obras indigenistas são produzidas por não índios e tratam de temas ou reproduzem narrativas indígenas; a perspectiva ocidental característica destas narrativas pode ser evidenciada pela vinculação dos textos nativos a gêneros literários ocidentais, lendas, por exemplo. Entretanto, os gêneros textuais e literários são também gêneros culturais, consequentemente construídos a partir de visões de mundo e conceitos diferentes. (2016. p.91)

São essas características que diferem obras indigenistas de obras indígenas. Embora os nomes sejam semelhantes seus conceitos são diferentes, uma obra para ser considerada indígena obrigatoriamente deve ter sido escrita por um indígena. Obras de autores como Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Roní Wasiry Guará, Tiago Hakiy, pertencem à literatura indígena, pois os autores são indígenas, contando suas histórias, cultura, usando da escrita para concretizar sua memória e identidade.

Como vemos nas escolas há essas obras trabalhadas, como *Iracema*, um clássico literário, em relação às obras postas no ambiente escolar. A literatura ganha mais notoriedade nas escolas no período do ensino médio, mesmo muitas vezes não sendo trabalhadas de uma maneira aprofundada, ainda sim são estudadas. O que já dificilmente é visto em relação a literatura infantojuvenil indígena, seu aparecimento na sala de aula é mínimo e na grande maioria das vezes não se tem as obras nem na biblioteca das instituições.

Essa contextualização ratifica a importância da literatura indígena na sala de aula, especificamente a literatura infantojuvenil indígena. Conforme, Regina Zilberman, 1985:

Ao escritor de literatura infanto-juvenil. cumpre. portanto. a harmonização entre estas duas exigências: a de criação artística, o que significa ser renovador e original na sua representação da realidade; e a de respeito ao universo infantil. simbolizando os anseios deste e suscitando a identificação da criança, quando da efetivação da leitura da história. (1985, p.2)

O conhecimento é uma fonte de saberes. Por isso é fundamental conhecer o bom e mau, o que cura e machuca. Assim como o discurso do *Phármakon* (remédio, medicamento) como Walter Omar Kohan afirma “o *phármakon*, traduzido como remédio.” (2012, p.38) pode ser usado de duas formas dentro do discurso, formas essa para se tornar o remédio ou veneno para alguém, isso diz respeito para quaisquer posicionamentos do indivíduo. Qualquer cidadão tem o poder da *phármakon*, no discurso, ou seja, se essa fala for para ajudar, elogiar se torna o remédio, mas se for para repudiar, usar como cunho preconceituoso se torna o veneno. Nisso o *pharmakon* é uma vertente poderosa, não apenas quando usado de modo oral, mas escrito também, pois a escrita é uma prática de linguagem muito importante:

[...] a leitura e a escrita do mundo surgem como poderosas fontes de emancipação do aluno e dos professores como cidadãos que vivem em uma sociedade letrada e que exige, cada vez mais, conhecimentos dos sujeitos para que possam, por meio das interações feitas e dos diálogos estabelecidos, enfrentar os desafios lançados pelo mundo do trabalho, pela vida em família e em sociedade, pela educação em suas práticas educacionais, colocando-se de forma crítica e transformadora. (Rangel,2012, p.2)

Pela fala de Rangel, vemos duas práticas de linguagem sendo fundamentais para o cidadão se tornar um letrado na sociedade: saber se posicionar e criticar. Seja professores ou alunos, ambos precisam ter um pensamento crítico sobre o que está na sua frente, por isso o conhecimento é fundamental. Através da leitura da literatura infantojuvenil indígenas é possível ter esse olhar crítico, pois os próprios autores em suas obras criticam certas situações ou posicionamentos de algum cidadão, quando se menciona cidadão, refere-se a uma sociedade em que se pode fechar os olhos para temáticas importantes, como a luta indígena, levando à ignorância. Por esse fato é tão importante buscar conhecer a história dos povos originários, para romper a ignorância de alguns alunos. Ao conhecer a história, cultura, arte dos indígenas os preconceitos, posicionamentos e visões enraizadas equivocadas sobre os povos nativos pode mudar.

MARCAS DA ORALIDADE NA LITERATURA INDÍGENA

Por muito tempo os povos originários tiveram sua história contada pelo olhar do não indígena, sua cultura invisibilizada para muitos, mas hoje graças a Literatura indígena,



eles podem falar de si, bradar sua voz através da literatura, especificamente a literatura infantojuvenil indígena, apesar de não ser tão socializada como os clássicos literários. Quando pensamos na cultura indígena vêm à mente, as histórias que nossos pais, tios e avós nos contavam, as lendas, mitos e histórias de visagem.

Antes do domínio da escrita, os indígenas dominavam a linguagem falada, com isso nos deparamos com a cultura de contar histórias que é algo que vem desde seus ancestrais. Desde os primórdios, a oralidade é o meio de preservação de valores e permanência de cultura desses povos nativos e do repasse de conhecimento de geração para geração.

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (Graúna, 2013, p. 15)

As histórias contadas transformaram-se em obras, livros poderosos e isso mostra que os indígenas não estão limitados somente a oralidade. Agora há histórias escritas e várias atividades que através de um livro podem ser elaboradas. A importância dessas obras e como elas podem auxiliar no processo de desconstrução de estereótipo que ainda perseguem os indígenas são relevantes para esse processo. Por meio dos livros escritos por indígenas, vemos outra versão da história agora contada pelo próprio indígena, que deveria ter sido contada desde sempre.

Há dentro do contexto dos povos originários uma influência da oralidade, levado em consideração que o que diz respeito a literatura indígena, principalmente aos povos nativos que pela oralidade insere a contação de histórias e como esse aspecto é importante para a cultura dos povos originários. Os povos nativos usam da contação de história como instrumento de contato com a literatura infantojuvenil indígena.

Importante quando Graúna (2013) se refere as vozes silenciadas, se dar ao fato dos colonizadores que deixaram suas marcas enraizadas nas origens de um povo que já estava aqui nesse país, antes mesmo do “descobrimento do Brasil” pelos portugueses. Como Graça Graúna (2013) mesmo afirma, “minorias que semeiam outras leituras possíveis” Ela refere-se a uma minoria das pessoas que conhecem a literatura em si infantojuvenil indígena, em sua fala também diz respeito sobre os povos originários que foram silenciados durante 500 anos no período colonial. A voz que agora pode bradar, com a ajuda da literatura infantojuvenil indígena se eterniza através da escrita.

A passagem da oralidade para a escrita é fundamental para a manutenção e divulgação da cultura indígena. A escrita é um meio de eternizar a oralidade em povos de culturas orais ameaçadas de extinção. O livro pode ser o Pharmakon (remédio) para que tal tradição permaneça viva para as futuras gerações. (Nascimento, 2014, p.27)

Pela fala de Nascimento, vemos como ela enxerga a importância da oralidade dentro da cultura indígena e como essa passagem da oralidade para a escrita de obras torna a tradição cultural dos povos originários eternizados. Também menciona o phármakon, usado como remédio para a permanência para gerações futuras. Isso faz com que a literatura infantojuvenil indígena não somente se eternize, mas que consiga maior visibilidade para mostrar os indígenas como os nativos fortes que são hoje e que foram no tempo da colonização.

A sociedade brasileira precisa entender que os indígenas estavam no Brasil antes dos colonizadores e tudo que sabíamos sobre a nova terra descoberta foi contada pelos europeus, sendo que os povos da floresta já habitavam aqui como é estudado na literatura quinhentista e de catequese. Historicamente, os jesuítas vieram catequisar os indígenas e desde então os povos nativos passaram por um processo de silenciamento e tiveram que desligar de suas culturas e crenças, afastados de tudo que conheciam como sua própria moradia, suas terras.

Esse silenciamento vem sendo despertado mesmo quando os primeiros textos escritos no Brasil foram considerados a primeira literatura brasileira, já que esses textos foram escritos por colonizadores, como Pero Vaz de Caminha, José de Anchieta. Os povos originários, que nesse período alguns deixaram sua cultura de lado por conta da catequização e seguiam uma nova crença, não tinham o seu lugar de fala, com toda a história dos nativos há esse silenciamento por séculos como dito anteriormente, porém hoje os indígenas buscam cada vez mais ocuparem seu lugar de fala.

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral. Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se dúvida. Alguns querem transformar este fio numa ruptura. Prefiro pensar em uma complementação. Não se pode achar que a memória não se atualiza. É preciso notar que ela –a memória –está buscando dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma dessas técnicas, mas há também o vídeo, o museu, os festivais, as apresentações culturais, a internet com suas variantes, o rádio e a TV. Ninguém duvida que cada uma delas é importante, mas poucos são capazes de perceber que é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais. Pensar a Literatura Indígena é pensar no movimento que a memória faz para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade. (Munduruku apud Rodrigues, Wallace et al. 2020, p.485)



Assim no que diz respeito a literatura indígena é impossível não mencionar a identidade e memória cultural dos povos originários e é isso que, Daniel Munduruku, ressalta essa linha literal relacionada a memória e sua forma de continuar viva.

A perspectiva que temos aqui é a visão dos povos originários que estão no Brasil desde os primórdios, antes da chegada dos portugueses. Embora ainda hoje os portugueses afirmam que descobriram o Brasil. No entanto essa visão já está ultrapassada, Munduruku quando se refere a memória e mantê-la viva, procura concretizar seus pensamentos e o que já viveu ou o que seu pai, avô já contou sobre sua vivência, não apenas nisso, mas tudo aquilo que fez parte de sua vida.

Com a tecnologia sempre avançando essa concretização da memória, oralidade, por meio da literatura pode até mesmo seguir além, o mundo está evoluindo, a tecnologia e educação evoluíram e ainda evoluem, a ancestralidade, identidade e memória do povo indígena não se limitam e evoluem conforme a sociedade, com isso as memórias e toda a cultura se mantêm vivas. Os povos originários buscavam passar seus saberes, suas histórias, lendas e realidades através da oralidade e hoje é adicionado a escrita como meio, resultado é a literatura infantojuvenil indígena que intensifica e afirma a oralidade e escrita dos povos indígenas. Nisso há a capacitação de deslocamento de um tempo que constantemente se modifica, o que Munduruku afirma em sua fala é que busca passar sua cultura conforme o mundo evolui. Embora ele já realize isso através da escrita, como ele mesmo cita há outros meios a serem explorados como, tv, rádios, essas variantes que inclusive há uma nova, o podcast, que nos dias de hoje é bem divulgado e acessado.

Todos esses meios são apenas instrumentos para facilitar a acessibilidade e firmar a memória, mesmo quando uma pessoa falece e não há fotos, vídeos, escritas sobre ela ou feita por ela, torna-se mais fácil ela cair no esquecimento. Isso pode até mesmo remeter a situação do arrependimento, onde surge questionamentos como, poder ter aproveitado mais, abraçado mais, tirar fotografias, fotografias inclusive continua sendo uma das melhores maneiras de firmar uma memória. Quando é vista automaticamente remete ao momento em que foi tirada, do mesmo modo quando uma memória é estar em um papel escrito, a leitura leva a pessoa a recordar, a nostalgia toma conta, no caso da literatura é uma herança a ser deixada, mesmo quando tal escritor partir sua identidade, cultura, memória e tudo que ele firmou estará ali para as próximas gerações.

ANÁLISE DE DADOS

Partindo da coleta de dados através de questionários, sendo 2 questionários, 1 designado para 5 alunos selecionados de cada turma (6º e 7º ano) seleção feita por parte dos professores, totalizando um total de 10 alunos que responderam ao questionário, sendo o outro para os 2 professores que acompanharam a pesquisa, cada professor responsável por uma turma. O questionário foi composto por 8 questões abertas e fechadas.

Esse procedimento para coleta de dados referentes a pesquisa foi de acordo com os objetivos esperados, obtendo diferentes respostas, mas com os mesmos conceitos. O resultado se deu a uma visita para a coleta dos dados através dos questionários, referentes às oficinas de leitura com a literatura indígena feitas durante a pesquisa.

Dos questionários aplicados aos alunos:

| Perguntas do questionário | Sim | Não |
|---|------|-----|
| Após o contato com a literatura infantojuvenil indígena na sala de aula, você sentiu interesse pela literatura infantojuvenil indígena? | 100% | |
| Antes das oficinas literárias infantojuvenil indígena você conhecia a literatura infantojuvenil indígena? | 10% | 90% |
| Você gostaria de estudar a literatura indígena frequentemente em sala de aula? | 100% | |
| Você gostaria que as obras que trabalhamos em sala de aula estivessem disponíveis na biblioteca? | 100% | |
| Você já ouviu alguém falar de maneira preconceituosa sobre o indígena? | 100% | |

Conforme visto na tabela, percebe-se o desconhecimento em relação a literatura infantojuvenil e o interesse que é gerado após o contato com essa literatura na sala de aula. O interesse aumenta a um ponto em que o aluno gostaria que tivesse as obras infantojuvenis indígenas na biblioteca, essa pergunta fez parte do questionário justamente pelos questionamentos dos próprios alunos sobre as obras que faziam partes das oficinas, se eles encontrariam na biblioteca. A última questão da tabela mostra que 100% dos alunos já ouviram falas preconceituosas em relação aos povos originários, mostrando que as falas preconceituosas estão presentes e chegam no aluno de alguma forma, eles todos já ouviram alguém falar do indígena, mas no início do projeto, os alunos também cometiam falas equivocadas em relação aos povos originários. De fato, o interesse era muito grande partindo dos alunos, ao final de cada obra levada, surgia sempre o questionamento “vai



ter na biblioteca “eu após dizer que não, era questionado o motivo da ausência das obras na biblioteca da escola.

Quando perguntando o que chamou atenção na cultura indígena que se apresentam dentro das obras socializadas em sala de aula, as questões foram respondidas de maneira aberta. Ressaltamos algumas respostas “Chamou atenção foi a força, como os povos indígenas lutaram pela sua liberdade”. Um dos alunos respondeu as pinturas presentes nos livros foi o que mais chamou atenção Analisar as ilustrações fazem parte da história, como afirma Verônica Simm e Iara Tatiana Bonin “[...]as imagens fazem muito mais do que ilustrar as histórias, elas efetivamente compõem a narrativa” (2011, p.94). Era feito sempre uma análise semiótica e os elementos que faziam parte da capa e ilustrações nas páginas por conta de sua importância. Os demais responderam que o que mais chamou atenção foi a própria cultura indígena. 100 % responderam de maneira positiva. Podemos ver a literatura infantojuvenil indígena não apenas pelas histórias, mas por suas ilustrações também. Antes dos alunos se encantarem com o conteúdo das obras e suas leituras, eles se interessavam primeiro nas capas e suas ilustrações. Por esse fato até foi feita uma oficina de reescrita onde eles, iriam escolher uma das obras que trabalhamos em sala de aula e fazer sua capa e muitos imitaram o grafismo, que na obra “Pequenas Guerreiras” de Yaguarê Yamã estava presente nas ilustrações e isso chamou muito a atenção de cada um, bem como as próprias obras onde mostra a força dos originários e suas crenças, como trabalhado com eles em “O livro das árvores” do povo Ticuna que são os mitos de origem do povo Ticuna sobre várias situações, como por exemplo, como os povos saíram da escuridão para a luz, como o dia foi criado.

Na pergunta, como enxergavam o indígena antes do projeto na sala de aula e como enxerga agora. Uma das respostas “Eu enxergo os povos indígenas como enxergava antes, protetores da mata”. Outro aluno respondeu: “como um povo isolado, hoje como um povo presente”. Os demais alunos responderam de forma semelhante, que viam os indígenas “como pessoas normais e que hoje não é diferente” mais um aluno respondeu de forma diferente do demais, dizendo “Achava que os indígenas andavam nus ou vestidos com penas, mas hoje sabemos que são pessoas normais e que usam roupas. Podemos perceber nas respostas dos próprios alunos, um olhar preconceituoso em relação aos povos originários antes do projeto, um aluno diz que os via como um povo isolado, provavelmente ele possa até ter ouvido isso pelo seu meio social, mas mostra esse enraizamento, do mesmo modo quando o aluno achava que os indígenas andavam nus,

que mais uma vez vemos uma visão estereotipada em pensar que o indígena possuem apenas essas vestimentas, são isolados, apenas protetores das matas e florestas, mas como dito para ele, os povos originários não são apenas isso, obviamente muitos vivem em aldeias sim, mas não é regra é escolha, até mencionei o fato de estudar com um indígena e como é gratificante ouvir palavras em sateré mawé, quando alguns professores perguntavam a ele, fiz com que percebessem a grandeza dos povos originários.

Referente à pergunta, como já foi debatido em sala de aula, qual motivo que não deve se direcionar os nativos como *índio*. Dos 10 (dez) alunos 2(dois) não lembraram para responder, os demais responderam semelhante como “a discriminação”, “o preconceito” um disse que deve se direcionar como “povos nativos, indígenas e povos originários” outro ressaltou que “eles não gostam que o chamem de *índio*, mas sim indígena” uma outra resposta é que “Hoje em dia não podemos falar índio, mas sim indígena, povos nativos e povos originários”. Como foi discutido na primeira oficina sobre o termo *índio*, questioná-los sobre esse termo se ainda lembravam, é importante para vermos realmente o impacto da literatura infantojuvenil indígena e que tudo contextualizado em sala de aula, as aprendizagens não foram momentâneas. Os alunos deram aula em suas respostas, como chamar de índio era preconceituoso, outro disse que era discriminação, o não poder chamar e que o certo era indígena, só podem falar povos nativos e povos originários. Por essas respostas fica evidente de que agora realmente sabem o termo correto e que suas respostas foram resultados esperados, por conta de toda troca de pesquisador e aluno.

Com base nas respostas dos alunos fica evidente a falta de pouco conhecimento da literatura infantojuvenil indígena na escola e na vida dos estudantes antes das oficinas. Como mostra nos resultados, os alunos anseiam por esse conhecimento, saber das culturas, histórias e artes.

Quando iniciada a primeira oficina, foi pedido para os alunos desenharem o indígena, alguns desses alunos ficavam chamando um ao outro como índio, como uma maneira negativa. Dentro da sala de aula, onde foi aplicada as oficinas de leitura, havia as letras do alfabeto e imagens, na letra “i” tinha abaixo a palavra *índio* e a imagem de um indígena com arco e flecha, os alunos então começaram a um comparar o outro com o *índio*, como uma ofensa, as ditas brincadeiras de mal gosto. Devido a esse comportamento dos alunos aplicou-se primeira oficina nomeada de “Oficina de desconstrução”. Foi nessa oficina que se solicitou que os alunos desenhassem o indígena. Nessa oficina, algo chamou muito atenção: os desenhos eram semelhantes, indígenas foram desenhados com cocar e flechas, morando em ocas. Diante disso, foi explicado



para os alunos sobre a palavra índio que é um termo pejorativo usado pelos colonizadores e que infelizmente permanece sendo usado. Explicou-se então a eles que o correto é indígena.

Foi debatido sobre a visão que os alunos tinham e que mostraram nos seus desenhos, foi dito que os indígenas não se baseiam apenas nas matas e florestas, mas um povo forte que estava no Brasil antes mesmo dos colonizadores. No primeiro contato com a turma já foi possível notar enraizada um equívoco e pior ainda, uma fala de preconceito como se ser *índio* fosse algo negativo, uma ofensa. Em uma outra oficina de desconstrução em que o principal meio foi a leitura da obra “Pequenas Guerreiras” de Yaguarê Yamã. No primeiro momento foi feito junto com os alunos uma análise semiótica da capa do livro e das ilustrações. Um aluno conseguiu identificar na capa do livro uma menina loira e achou estranho, foi explicado o motivo da menina ser loira, que o indígena pode ser loiro, moreno, branco, pardo e caboclo, devido ao processo de miscigenação e que ser indígena está muito ligado também ao sentimento pertencimento a uma etnia.

Também foi dito que as meninas da obra eram filhas das amazonas, icamiabas, que foi explicado relacionando com o texto da obra, uma fala de uma das meninas, que diziam que apesar de terem a fama de valentes, não precisavam ser tão bravas, as icamiabas como selvagens como é no discurso do colonizador.

Visto isso a maioria da contextualização das obras indígenas infantojuvenil eram para essa desconstrução e auxílio na prática de linguagem, a leitura. Já que por conta da pandemia os alunos tiveram um retardamento no seu ensino e possuíam dificuldades em suas leituras.

Os resultados dessa oficina foram de acordo com o esperado, já estava aguardando ver os desenhos e que seriam do jeito que eles desenhavam, todos com o mesmo contexto, mas um aluno fez um desenho bem interessante, em que ele desenhou uma oca e do outro lado um prédio, perguntei se queria falar sobre, mas no primeiro dia, todos estavam tímidos ainda. Usei o desenho desse aluno para falar sobre o deslocamento dos indígenas para a cidade e que necessariamente os povos nativos não precisam morar em aldeias. Na segunda oficina de desconstrução os alunos logo no início já questionando a capa do livro por ter a menina loira, no caso “Pequenas Guerreiras” essa obra tem temáticas importantes para a desconstrução buscada, como a violência, miscigenação e a visão do colonizador em relação as icamiabas, onde dentro da obra o autor, Yaguarê Yamã, dá voz as amazonas,

na personagem como modo de defesa. Os alunos já estavam mais à vontade e resumiam o que entendiam.

As oficinas de leitura auxiliavam no processo de conhecimento da cultura indígena. O estudioso, Francisco Bezerra dos Santos diz que a leitura é “[...] um fator de desenvolvimento intelectual e cultural” (2017, p.78). A literatura infantojuvenil indígena além de desenvolver a intelectualidade do seu leitor ainda provoca a curiosidade no leitor no primeiro instante, pois os alunos muitos questionavam se as obras apresentadas estavam disponíveis na biblioteca da escola, pois não conheciam nada sobre a literatura indígena e não tinham até então, contato como uma obra desta literatura.

Como pesquisadora é possível notar que a literatura infantojuvenil indígena engrandece os povos originários e suas culturas e o fato de ser trabalhada em sala de aula ela quebra paradigmas, como estereótipos, equívocos, um olhar preconceituoso que infelizmente está enraizado na sociedade, e se formos pra contextualizar com algo recente, temos o exemplo da cunhã Poranga do Garantido, que no início de sua participação em um reality sofreu por ser do Amazonas, era chamada de índia sem nunca ter dito ser, muitas pessoas de outras regiões possuem essa visão de o amazonense só ter *índio*, assim como muitos amazonenses acreditam que os indígenas só moram em aldeias, essas falas são por experiências e falas que ouvi.

Por isso quando o autor Dos Santos (2017) refere a leitura ser não só intelectual como cultural é justamente de situações e falas equivocadas serem anuladas, como aconteceu na sala de aula com os alunos, a leitura da literatura infantojuvenil indígena foi o maior fator para o desenvolvimento dos alunos, seja intelectual como cultural a respeito dos povos originários e suas culturas.

Pode ser visto um preconceito enraizado nos próprios alunos, quando feita pergunta de como o aluno via o indígena antes das oficinas literárias e como era visão após as oficinas, uma das respostas mostrou esse preconceito, pois o aluno disse que achava que os *índios* andavam nus e com penas. Há a questão do dito e dito não e para perceber isso, precisa ser feita uma análise discursiva mais aprofundada, como no caso de vários alunos referenciar o indígena como apenas protetores da floresta, da mata. Analisando essa fala, percebe-se um posicionamento preconceituoso, mesmo que involuntariamente. Pela fala do aluno praticamente dar a entender que os indígenas apenas moram na mata, na floresta, longe da cidade, da urbanização. E de fato alguns moram mesmo, mas a generalização acaba se tornando de cunho preconceituoso.



Esses posicionamentos involuntários estão enraizados na sociedade refletem nas crianças e jovens. Se fosse colocada em prática a lei nº 11.645/08 provavelmente essas situações de preconceito e equívocos, em sala de aula, seriam menos recorrentes.

O estudo da literatura infantojuvenil indígena na sala de aula ajuda a quebrar esse olhar preconceituoso. Isso pode ser comprovado no decorrer da aplicação das oficinas de leitura, pois gradativamente os alunos deixaram de usar termos pejorativos e mostraram-se muito interessados em conhecer mais sobre a literatura e cultura indígena

Uma das obras preferidas que os alunos sempre pediam para ser relida era *Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011) do escritor indígena Roní Wasirí Guará., o primeiro contato dos alunos com uma obra indígena infantojuvenil foi “O livro das árvores”, que trabalhamos a leitura compartilhada em uma oficina, em outra foi designada a reescrita da “Samaumeira que escurecia o mundo” assim fizemos com outras histórias compostas na obra. Foi trabalhado nessas oficinas em que o uso era o livro das árvores, primeiros oficinas de leitura e oralidade, onde os alunos debatiam entre si aquilo que leram, noutra oficina o foco era a reescrita. Também foi realizada uma oficina da obra do escritor indígena Tiago Hakyi “Awyató-Pot: Histórias indígenas para crianças” (2011) Uma outra obra trabalhada foi “Histórias de índio” (1996) do escritor indígena Daniel Munduruku, onde foi feita a leitura compartilhada entre os alunos.

A literatura infantojuvenil indígena foi uma arma poderosa para a resignificação da visão desses alunos para com os povos nativos, sendo criado um respeito acima de tudo.

Dos questionários aplicados aos professores:

O questionário composto por nove (9) questões abertas, destinados aos dois professores que acompanharam todo o processo da pesquisa, iniciando pelas oficinas. O Professor 1 tem 44 anos e leciona há 25 anos e o professor 2 tem 32 anos e leciona há 2 anos. Foi perguntado aos professores, qual o conhecimento dos alunos sobre a literatura infantojuvenil indígena antes das oficinas. O professor 1 respondeu que “os alunos não tinham conhecimento profundo sobre a literatura infantojuvenil indígena antes do projeto. A resposta do professor 2 foi, “antes do projeto o conhecimento dos alunos era limitado, até mesmo inexistente sobre o tema.”

Referente à pergunta em relação, se os professores consideram que antes da socialização dessa literatura na sala de aula, os alunos com um olhar indiferente,

preconceituoso e com brincadeiras sobre o indígena. Foi respondido pelo professor 1” Hoje vejo-os com mais consciência e com vontade de conhecer novas obras com esse tema”. O professor 2 detalhou que: “Sim! Devido à falta de conhecimento culturais, ou simplesmente por não terem uma compreensão mais ampla sobre a cultura dos povos indígenas”.

Quando perguntando sobre a leitura dos alunos, se houve uma melhora por conta das oficinas de leitura, o professor 1 respondeu: “Sim, as oficinas foram muito importantes para todos”. A resposta do outro professor foi: “Sim, as oficinas contribuíram conforme o nível de habilidade de cada aluno.”

Na pergunta, no que favoreceu as oficinas de leitura e o projeto a respeito da cultura indígena. 1º professor respondeu que Além de incentivar a leitura o projeto trouxe mais conhecimento sobre a cultura indígena, pois trabalhou diretamente essa temática”, o professor 2 disse: “O desenvolvimento cultural através das leituras das obras sobre a cultura indígena, incentivando o hábito da leitura e permitindo que os alunos conheçam melhor as tradições e valores dos povos indígenas”.

Referente à pergunta, o que acha das temáticas presentes nas obras indígenas infantojuvenil, como podem ser trabalhadas em sala de aula. A primeira resposta foi “Acho interessante e podem ser trabalhadas como oficinas, roda de conversa e peças de teatros” o segundo professor ressaltou “As temáticas oferecem uma oportunidade muito rica para desenvolver a diversidade cultural, podendo ser estabelecida em sala de aula com atividades criativas, como escrita da história, desenhos, dramatizações, permitindo os alunos as suas próprias interpretações sobre as narrativas e discussões reflexivas.”

Uma das questões era: Trabalhamos e falamos muito sobre a oralidade, acha que evoluiu a oralidade dos alunos? A resposta do professor 1 foi que “Sim, quando trabalhamos a leitura e essa começa a fluir melhor, conseqüentemente a oralidade e a compreensão aprimoram também” o segundo professor respondeu: “Sim desenvolveram, na questão do aumento da autoconfiança”

Nessa questão perguntou-se, se o professor considera o estudo da literatura infantojuvenil indígena importante dentro das instituições escolares. A primeira resposta foi: “que sim, mas o segundo professor indaga “Com certeza, muito importante a inclusão desses estudos, nos proporciona um rico conhecimento das diversidades culturais dos povos indígenas”

Em relação a pergunta, se os professores consideram de certa forma a escola ou a sociedade enraizaram uma visão estereotipada do indígena. Um dos professores respondeu “Sim! Podemos verificar nos materiais didáticos pela falta de representação de



personagens indígenas, falta de programas educacionais que sensibilizam a compreensão cultural dos originários” o outro respondeu que “Até um certo ponto sim, mas atualmente com mais conhecimento, os conceitos estão sendo visto de uma outra forma”

Na pergunta última pergunta, como as oficinas contribuíram para a desconstrução do estereótipo indígena. O professor 1 respondeu: O conhecimento nos faz fazer o correto. E as oficinas trouxeram conhecimento aos alunos e dentro dessa temática pode-se trabalhar alguns outros temas transversais como a pluralidade cultural, o respeito e outros assuntos que surgiam no momento da partilha com os alunos. Já o professor 2 respondeu:

“Contribuíram na transmissão de conhecimento sobre as culturas indígenas e oferecem experiências significativas de transformar atitudes, construindo uma compreensão mais respeitosa e informada.”

Nota-se nas respostas dos professores pouco conhecimento pela literatura infantojuvenil indígena, o que era perceptível pelas falas equivocadas, como um dos professores ressaltou, pela falta de conhecimento. Os próprios professores deixaram claro quanto a melhora dos alunos na compreensão e agora o interesse pelas obras e culturas.

Vemos a positividade das oficinas, como a incentivo pelas temáticas indígenas e o desenvolvimento como cultural, sendo o reflexo da recepção literária. Ambos os professores ressaltaram a importância de as obras indígenas serem trabalhadas em sala de aula por se tratar de riqueza na sua diversidade, a literatura infantojuvenil se torna uma grande aliada na sala de aula para a desconstrução e contextualização da cultura indígena. Importante a percepção da evolução dos alunos referentes a oralidade, principalmente quando se relaciona com os povos originários, visto que a oralidade está marcada na cultura e ancestralidade indígena, por esse motivo havia muitas práticas orais nas oficinas, como afirma Heliene Rosa da Costa “a marca da oralidade imprime o caráter essencial do contato primeiro com essa literatura de autoria indígena” (2020, p.138). Por essa razão a oralidade se tornou tão presente na sala de aula, além da prática de linguagem.

Por isso que como culminância das oficinas foi solicitado a confecção de mini livretos feitos manualmente pelas turmas, com um elemento importante. O conteúdo do livreto foi sobre histórias de visagens, lendas regionais ou mitos que os próprios alunos ouviam de seus familiares quando mais novo. Foi escolhido esse tipo histórias (visagens, lendas) para analisarmos se ainda é presente as histórias orais que passam de geração a geração, assim como essa marca registrada dos povos originários. Apresentação seria através da confecção de mini livretos, que também seria trabalhada a escrita, juntamente

com a leitura e oralidade, já que o primeiro passo seria a escrita, depois a leitura na sala de aula e por último o que levou cada aluno a escolher aquela história específica. Durante as apresentações a maioria se emocionou ao contar sobre seu mini livreto, e da escolha das histórias, relatavam que recordavam o dia que foi lido sobre a história, se foi pai, mãe ou tio, avós, diziam que foi muito bom aquela atividade, pois conseguiam perceber a importância de estar com a família reunida e que imaginavam a importância da contação de histórias para os indígenas.

Por fatos como esse, os professores consideram a literatura infantojuvenil indígena deve ser trabalhada na sala de aula frequentemente. Em relações aos professores quando lido foram questionados sobre a escola ou a sociedade enraizarem uma visão estereotipada, nota-se que ambos concordam e um deles ressalta a falta de representação presente nos livros didáticos e programas sociais, confirmando que na escola onde as oficinas eram realizadas não se aplica a lei de obrigatoriedade da história indígena.

É importante enfatizar a contribuição das oficinas literárias para a desconstrução do preconceito e equívocos sobre os povos originários na escola campo de pesquisa. Após as oficinas os alunos respeitam os indígenas e criaram uma admiração pelos povos originários, isso foi perceptível para os professores titulares também. Os alunos ao conhecerem mais sobre as culturas e artes dos indígenas deixaram de ter uma visão equivocada e criaram um olhar de admiração e respeito, assim como o anseio pela literatura infantojuvenil indígena na sala de aula e queriam inclusive que as oficinas fossem permanentes.

Acredito que a literatura infantojuvenil indígena abre caminhos para ser trabalhada de várias formas, mas no caso do que trabalhado nessa pesquisa, a literatura infantojuvenil indígena foi a principal técnica usada para a desconstrução do preconceito e equívocos sobre os povos originários. E que infelizmente ela não é trabalhada na sala de aula como uma obrigatoriedade como na referida lei 11.645/08, que embora exista, não é posta em prática como deveria e a falta de obras indígenas e aulas sobre a literatura indígena nos mostra essa não efetivação da lei. Mas com as oficinas na sala de aula a lei foi posta em prática e colaborou para um avanço inestimável para o olhar e admiração pelos povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a literatura infantojuvenil indígena é uma importante ferramenta para leitura. No entanto, ela pode ser usada, principalmente, para a



desconstrução do preconceito e equívocos sobre a cultura identitária dos povos originários.

Por isso ela é fundamental para o enfrentamento ao preconceito étnico presente na nossa sociedade. A literatura infantojuvenil indígena ajuda a quebrar paradigmas nocivos, de visão equivocada e preconceituosa institucionalmente construída em desfavor dos povos originários. Vemos essa quebra de paradigmas na sala de aula quando é levada a literatura infantojuvenil indígena, pois mesmo quando o aluno pensa não ser preconceituoso, percebe-se nele um olhar equivocado e até mesmo estereotipado em relação aos indígenas, seja pelo uso de algumas palavras ou pela associação do indígena apenas com a mata amazônica.

Assim, conforme seguia-se o curso de aplicação das oficinas, a percepção dos alunos a respeito dos povos originários ia se tornando mais grandiosa, aberta e reflexiva. Eles passaram a enxergar suas culturas, artes e, principalmente, a literatura indígena por meio das temáticas que sempre resultavam em rodas de conversas e debates produtivos.

A literatura foi um meio de desconstrução do olhar e visão preconceituosa dos alunos. Eles se conectaram com eles próprios e seus familiares ao lembrarem de lendas e dos momentos vividos em família durante as contações de história. O meio de contar histórias, praticando a oralidade, faz parte da cultura dos povos nativos tanto quanto atende a princípios norteadores da educação básica brasileira.

As oficinas trouxeram muitos resultados importantes como o fato de os alunos buscarem saber se não havia obras infantojuvenil indígenas na biblioteca da escola. Outro resultado positivo diz respeito aos momentos em que os alunos passaram a interagir mais, o modo como falam dos indígenas, e a interrupção do termo *índio* em sala de aula.

Os alunos apenas carregaram consigo o enraizamento do preconceito étnico aos indígenas, mesmo que de modo involuntário, como visto nas imagens que muitos alunos pintaram de *índio* com cocar e arco e flecha nas mãos por questões sociais presentes na escola por uma visão equivocada. Mas, a luta dos povos originários para serem enxergados com um olhar abrangente, em que sejam percebidos totalmente e não parcialmente, permanecem e continuam, sempre para ter o lugar de fala. E, notamos esse lugar de fala na literatura infantojuvenil indígena, bem como sua importância na leitura, escrita e desconstrução do olhar sobre os povos originários, graças a esse viés literário indígena.

REFERÊNCIAS

AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. A arte de fazer questionários. **Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2005.**

COSTA, Helene Rosa da et al. **Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara. 2020.**

DOS SANTOS, Francisco Bezerra. **Leitura da literatura indígena na sala de aula: contribuições para o ensino. 2017.**

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.**

KOHAN, Walter Omar. A Filosofia e seu ensino como phármakon. **Educar em Revista, p. 37-51, 2012.**

NASCIMENTO, Mayara Barboza do. **Desafios e conquistas de escritores indígenas: da passagem da oralidade às tradições culturais escritas. 2014.**

PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo. São Paulo: Editora Unesp, 2009.**

RANGEL, Mary; MACHADO, Jane do Carmo. **O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita. Anais do SIELP, v. 2, n. 1, p 1-9, 2012.**

RODRIGUES, Wallace et al. **Sobre poesia indígena: o caso do poema “Ay kakuyri tama (eu moro na cidade)”, de Márcia Wayna Kambeba. EntreLetras, v. 11, n. 1, p. 483-498, 2020.**

SANTOS, Roberta Fernandes. **Da construção do estereótipo de selvagem à representação do indígena brasileiro no livro didático de História. Escritas do tempo, v. 2, n. 6, p. 58-73, 2020.**

SIMM, Verônica; BONIN, Iara Tatiana. **Imagens da vida indígena: uma análise de ilustrações em livros de literatura infantil contemporânea. Revista Historiador, n. 4, 2011.**

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural. Literartes, n. 5, p. 88-99, 2016.**

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa. Revista SoCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.**

ZILBERAM, Regina. **Introduzindo a Literatura Infanto-Juvenil CED. Florianópolis, 1985.**

ANEXOS

UM DIA DE ÍNDIO

TENHO A PELE VERMELHA,
A CARA PINTADA
E USO COCAR NA CABEÇA.
MEU NOME É UBIRAJÁ.

UH! UH! UH! UH! É O MEU GRITO DE GUERRA.
VIVO NA TRIBO DOS GUARANIS
UH! UH! UH! UH! COMO SOU FELIZ!

GOSTO MUITO DE BRINCAR
COM OS ANIMAIS DA NATUREZA.
TODOS SÃO UMA BELEZA.

DURANTE O DIA, NADO NO RIO
COM O SOL A BRILHAR.
QUANDO A NOITE VEM,
PONHO-ME A LUA A ADMIRAR.

O SONO LOGO VEM
E DENTRO DA OCA,
NA MINHA REDE, VOU ME DEITAR.

Frances Rodrigues Pinto





Fonte: <https://lereaprender.com.br/dia-do-indio-desenhos-para-colorir/>



Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/>

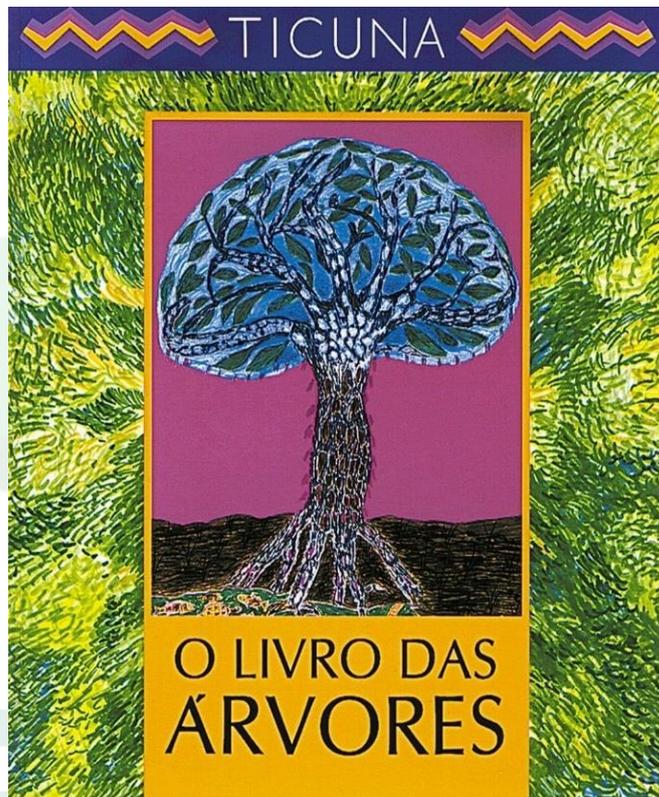
19 de Abril
Dia do Índio



Fonte: <https://www.pinterest.jp/pin>



Fonte: Acervo pessoal (2023)



Fonte: <https://i0.wp.com/www.livrariamaraca.com.br/wp->



Fonte: Acervo pessoal (2023)

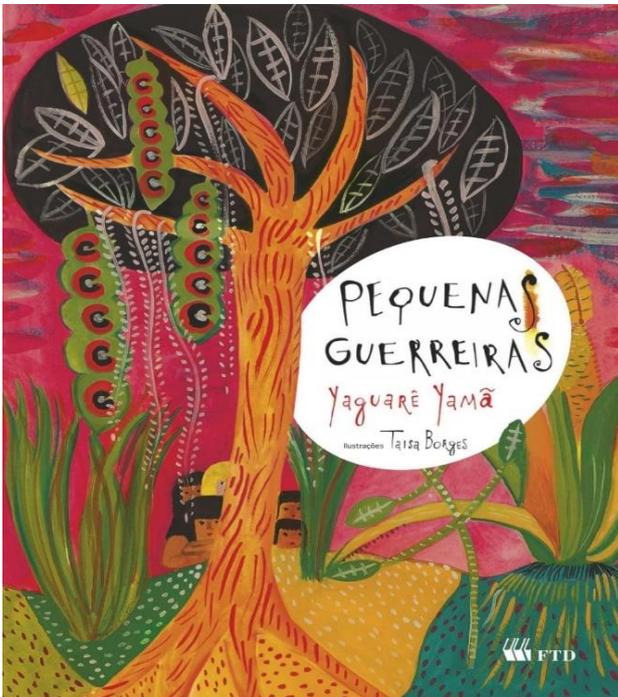




Fonte: Acervo Pessoal(2023)



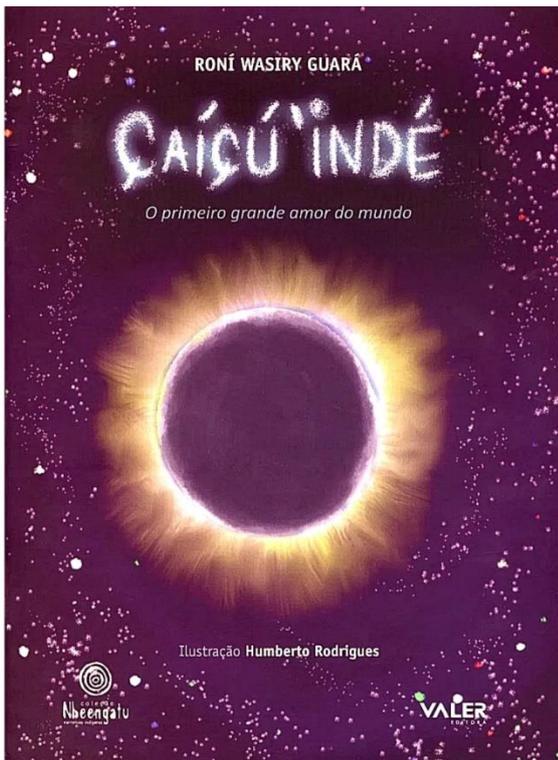
Fonte: Acervo Pessoal(2023)



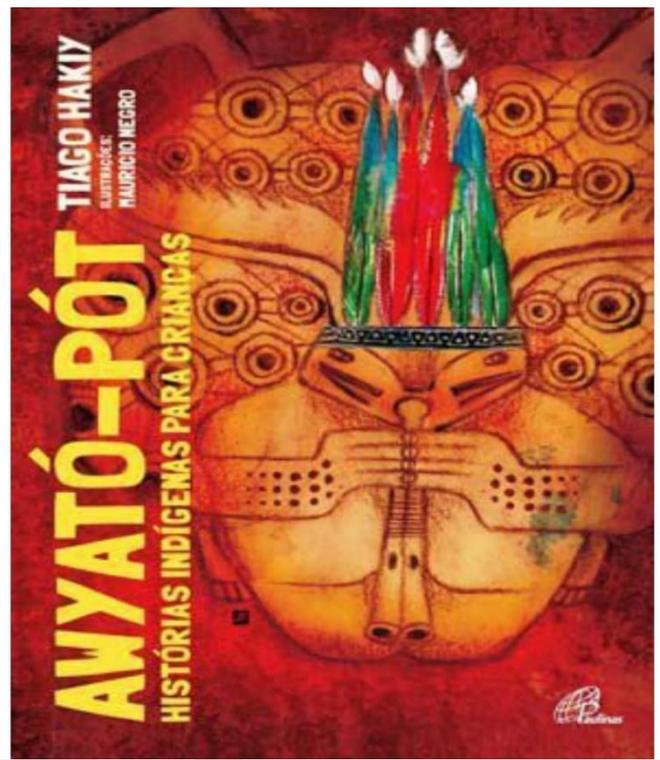
Fonte: <https://www.livrariamaraca.com.br/wp-content/uploads/2018/10/yaguare-yama-pequenas-guerreiras.jpg>



Fonte: Acervo Pessoal (2023)



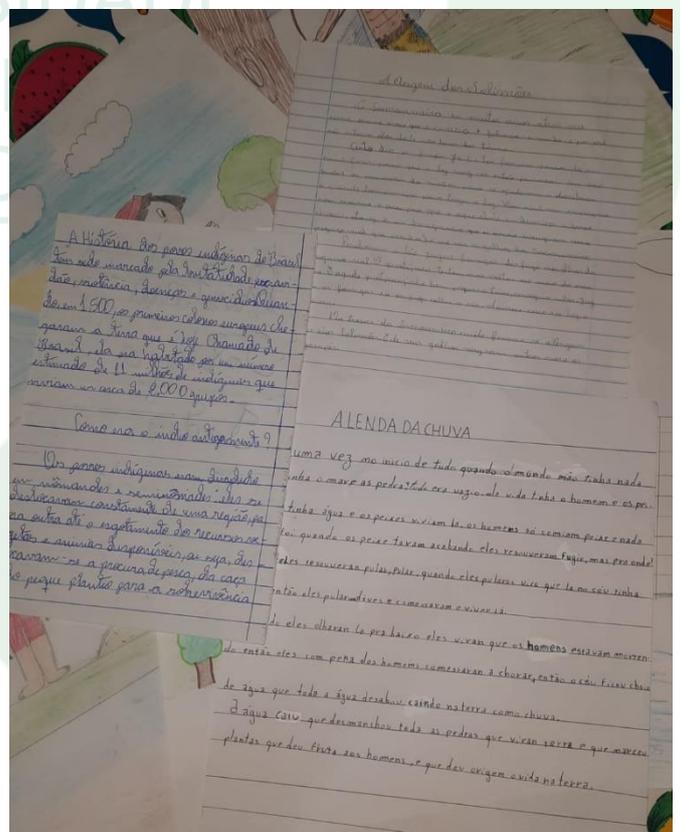
Fonte: <https://www.livrariamaraca.com.br/wp-content/uploads/2019/04/roni-wasiry->



Fonte: ivrariamaraca.com.br/wp-content/uploads/content/uploads/2018/02/tiago-hakiy-wyato-pot.png



Fonte: Acervo pessoal (2023)



Fonte: Acervo Pessoal (2023)



Questionário para os alunos

Caro Estudante,

Você está participando da pesquisa sobre A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA PARA A DESCONSTRUÇÃO DOS PRECONCEITOS EQUÍVOCOS SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS que têm o objetivo de mostrar como a literatura indígena infantojuvenil quebra paradigmas preconceituosos sobre o olhar social das pessoas sobre os povos originários. Essa pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso da aluna Deysiellen Sena Salvador, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Delma Pacheco Sicsú.

Esclarecemos que seus dados pessoais não serão divulgados na pesquisa. Obrigada por sua participação neste trabalho acadêmico!

Dados Pessoais

1. Idade: _____

2. Gênero: () Feminino () Masculino

Recepção da Literatura infantojuvenil indígena

1- Após o contato com a literatura infantojuvenil indígena na sala de aula, você sentiu interesse por essa literatura?

2- Antes das oficinas de literatura infantojuvenil indígena você já conhecia essa literatura?

3- Você gostaria de estudar a literatura infantojuvenil indígena frequentemente em sala de aula?

4- Você gostaria que as obras que trabalhamos em sala de aula estivessem disponíveis na biblioteca da escola?

5- Você já ouviu alguém falando do indígena de maneira preconceituosa?

6- O que lhe chamou atenção na cultura indígena que se apresentam dentro das obras socializadas em sala de aula?

7- Como você enxergava o indígena antes do projeto e como enxerga agora?

8- Como já debatemos em sala de aula, qual motivo que não deve se direcionar aos nativos como Índio?

Obrigada pela colaboração!

Questionário- Professores

Caro Professor (a),

Você está participando da pesquisa sobre A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA PARA A DESCONSTRUÇÃO DOS PRECONCEITOS EQUÍVOCOS SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS que tem o objetivo de mostrar como a literatura indígena infantojuvenil quebra paradigmas preconceituosos sobre o olhar social das pessoas sobre os povos originários. Essa pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso da aluna Deysiellen Sena Salvador, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Delma Pacheco Sicsú.

Esclarecemos que seus dados pessoais não serão divulgados na pesquisa.

Obrigada por sua participação neste trabalho acadêmico!

Identificação

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Área de atuação: _____
4. Gênero: Feminino () Masculino ()
5. Tempo que leciona: _____
6. Escola que atua: _____

Percepção do professor(a) a respeito da Literatura infantojuvenil indígena na sala de aula.

- 1- Qual conhecimento dos alunos sobre a literatura infantojuvenil indígena antes do projeto de extensão?
- 2- Você considera antes da socialização dessa literatura, os alunos com um olhar indiferente, preconceituoso e com brincadeiras sobre o indígena?
- 3- A leitura dos alunos melhorou por conta das oficinas de leitura?
- 4- No que favoreceu as oficinas de leitura e o projeto a respeito da cultura indígena?
- 5- O que acha das temáticas presentes nas obras indígenas infantojuvenis, como podem ser trabalhadas em sala de aula?
- 6- Trabalhamos e falamos muito sobre a oralidade, acha que evoluiu a oralidade dos alunos?



7- Você considera o estudo dessa literatura importante dentro das instituições escolares?

8- Você considera que de certa forma a escola ou a sociedade enraizaram uma visão estereotipada do indígena?

9- Como as oficinas contribuíram para a desconstrução do estereótipo indígena?



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Obrigada pela colaboração!
